

Para família, vai ser muito duro suportar

São João Del Rey, MG — Foi exatamente como previa Jorge Neves, um dos irmãos do presidente. Caminhando pela ponte do Rosário, que cruza o córrego do Lenheiro, no centro da cidade, ele parou um instante e comentou com os jornalistas: «Essa terra, esses sinos que viram a gente nascer e nos criar... está todo mundo baqueado. Vai ser duro aguentar». Naquela hora, 8h50, quarta-feira do adeus, os sinos das torres barrocas de São João Del Rey, dobravam mais uma vez — São Francisco de Assis dando o sinal, Nossa Senhora do Pilar, Mercês e Carmo respondendo do outro lado — dolorosas badaladas que marcam a morte dos irmãos de seculares confrarias.

No largo do Rosário, onde só se vê o verde-amarelo tarjado de luto em todas as janelas, mais de 200 pessoas já esperam atrás do cordão de isolamento. «Foi-se o homem, ficou a esperança», dizia uma faixa que um grupo de amigos da cidade de Cláudio, a terra de Dona Risoleta, estendeu sobre a parede lateral da igreja, junto ao solar dos Neves, parentes e amigos se apertavam as mãos, chegando a cada minuto. Os vizinhos olhavam pesarosos e um deles — o da família de Geraldo Araújo — estendeu também a sua faixa: «Aqui a voz da liberdade quebrou o silêncio e fez-se música».

Três filhos do velho Joaquim Teodoro, que trabalhou muitos anos como feitor da fazenda de Tancredo Neves em Cláudio, colocaram-se bem no meio do largo do Rosário e ali ficaram mais de duas horas cantando e gritando pelo nome cada membro da família Neves,

toda vez que algum deles aparecia nas janelas do casarão.

«Meu pai pediu as contas há mais de 20 anos e o Dr. Tancredo fez questão de pagar todos os direitos, pois naquela época já se preocupava com a justiça e a honestidade», disse Joaquim Teodoro Filho.

Cinco casas adiante, a caminho do Pilar, Dona Silvia esperava na janela. Aos 85 anos de idade, ela não se lembra mais de sua história (diz que tem 38 anos e alguns meses) e confunde até o seu nome, mas não se esquece do Dr. Tancredo, o amigo que sorria e cumprimentava, toda vez que passava a caminho da missa. «Que morte sentida, que morte mais bonita, mas ele era mesmo muito querido», repetia ela na sua janela, feliz com a mudança do roteiro que acabou fazendo o cortejo passar pela sua porta.

As 10 e 51, o sino do Rosário anunciou a partida do cortejo fúnebre do Solar dos Neves e os sinos de São Francisco começaram a dobrar para receber Tancredo, irmão e ministro de sua venerável Ordem Terceira. Quando a urna passou pela esquina da igreja, Raul Andrade de Oliveira ficou emocionado. Ele vestia um terno riscado que Tancredo Neves lhe deu de presente em 1934. Estava muito orgulhoso de vestir tal raridade.

Na Igreja de São Francisco a família Neves recebeu a urna para transportá-la até a nave central da igreja (quem devia fazer isso, pelo cerimonial, eram cadetes militares das três Armas), o povo começou a cantar «Peixe Vivo», uma canção folclórica que acompanhou também o presidente Juscelino na vida e na morte.